

NOEMIA DE SOUSA: POESIA COMBATE EM MOÇAMBIQUE

Sávio Roberto Fonseca de Freitas¹

Resumo: O objetivo de nosso estudo é analisar os poemas *Se me quiseres conhecer*, *Poema*, *Mulher que ri à vida e à morte*, da escritora moçambicana Noémia de Sousa. Para isso, vamos organizar a nossa reflexão em três partes: tradição e contradição em Moçambique (momento em que se expõe aspectos culturais, geográficos e religiosos deste país); Noémia de Sousa, uma militante em Moçambique (trazendo informações sobre o perfil da escritora e sua condição social em seu país); e, por último, a análise dos três poemas acima citados para percebermos os sinais da poesia combate moçambicana nos versos de então precursora da escrita em autoria feminina.

Palavras-chave: Noémia de Sousa, Moçambique, Poesia Combate.

Primeiras considerações

Podemos dizer sem medo que a literatura nos leva a grandes aventuras e, acatando esta condição, vamos viajar para o território africano através da voz da escritora moçambicana Noémia de Sousa, aterrizando em sua coletânea de versos *Sangue negro (1990)*, obra da primeira mulher que se aventura na literatura no momento em que seu país se encontrava em estado de guerra por conta de lutas em prol da independência. Tal fato contextualiza a literatura de Noémia de Sousa como poesia combate, pois seus versos traziam uma linguagem engajada com os ideais militantes da FRELIMO (Frente Liberal de Moçambique).

Adentrar na poesia de Noémia de Sousa é descobrir um outro povo, uma outra cultura, cheia de credos, de mitos, de ritos, enfim de aspectos múltiplos que compõem um imaginário excêntrico em relação ao que já está escrito nas páginas de tantas literaturas.

O objetivo de nosso estudo é analisar os poemas *Se me quiseres conhecer*, *Poema*, *Mulher que ri à vida e à morte*. Para isso, vamos organizar a nossa reflexão em três partes: tradição e contradição em Moçambique (momento em que se expõe aspectos culturais, geográficos e religiosos deste país); Noémia de Sousa, uma militante em Moçambique (trazendo informações sobre o perfil da escritora e sua condição social em seu país); e, por último, a análise dos três poemas acima citados para percebermos os sinais da moçambicanidade nos poemas desta escritora moçambicana.

Tradição e contradição em Moçambique

Nossa proposta em trazer um pouco de informações sobre Moçambique é mais uma forma de entender a literatura que é escrita nesse país, pois entendemos que a literatura é um texto, que no plano de suas múltiplas tessituras, necessita de algumas linhas precisas dos vários contextos (históricos, sociais, religiosos, entre outros..) para construir um idéia literária que permita ao leitor se deslocar do plano real e aceitar o plano ficcional.

Ler a cultura africana, através da escrita de Noémia de Sousa, é um caminho para se perceber uma tradição cultural que ainda permanece na modernidade, enfim, é possuir a permissão para viajar por um território cultural multifacetado de uma nação que, colônia de Portugal até 1974, acumulou valores sociais díspares, como: a monogamia e a poligamia, o politeísmo e o monoteísmo; a escravidão e a liberdade; o

¹ Doutorando em Literatura e Cultura pelo PPGL da UFPB. Professor Assistente I de Teorias e Críticas Literárias/Estudos Literários da UFRPE/UAST.

cultivo e a indústria; ou seja, situações políticas, religiosas e econômicas que beiram a guerra e a miséria.

O vocábulo português *moçambique* data do século XVI. Do século XI a XV, este país foi explorado pelos árabes, persas e suailis (africanos bantos arabizados ou islamizados, que prolongaram as feitorias muçulmanas da costa da Somália: Melinde, Mombaça, Zanzibar, Quíloa, Moçambique, Sofala). Essa região da África Oriental fazia parte do complexo mercantil do Oceano Índico, com relações a longa distância com o Oriente Médio, a Índia e a China. As relações atingiam também os povos bantos do interior.

Moçambique foi colônia de Portugal por muito tempo. O domínio português se dá quando Vasco da Gama atinge o solo moçambicano em 1498 e faz aliança como rei Melinde. Em 1506, os portugueses apoderam-se de Sofala e em 1507 da ilha de Moçambique que se constituiu desde então em um porto de escala de para os portugueses no comércio e na conquista da Índia.

Em 1697, após frustradas tentativas de exploração do ouro e marfim, o comércio de escravos tornou-se a principal atividade dos portugueses em Moçambique. Uma grande quantidade de negros foram levados do solo moçambicano e vendidos, como escravos, na América do Norte e, principalmente, no Brasil. Assim, por exemplo, até 1800, o número de escravos era em média de 10.000 por ano, cifra que passa, a partir de 1800 para 15 e 25 mil escravos por ano, decaindo a partir de 1850.

A posição dos colonizadores portugueses em relação ao povo moçambicano passa a ser ameaçada quando os poderes europeus decidem a partilha da África. Uma nação pretendente foi a Inglaterra, que, em 1823, alegando encontrar o território abandonado, reivindicou sua soberania. Mas, com a Conferência de Berlim, em 1885, a soberania lusitana é legitimada.

Como toda colônia portuguesa, Moçambique tenta se libertar das garras deste ambicioso e sangrento colonizador. Surgem os movimentos nacionalistas. A Liga Africana, fundada em Lisboa no ano de 1920, é a primeira organização favorável aos nativos africanos. Depois desta, surgiram o Instituto Negrófilo, a Associação dos Naturais de Moçambique, a União Democrática Nacional de Moçambique, a União Nacional Africana de Moçambique, além de outras. Essas organizações se uniram e, em 1962, formaram a Frente Liberal de Moçambique (FRELIMO), presidida pelo Dr. Eduardo de Mondlane, o qual morreu assassinado por uma bomba postal, em 1969. A FRELIMO começou a atacar as forças militares portuguesas, em 1964. O governo socialista português derruba, em 25 de Abril de 1974, a ditadura de Salazar, e concede a independência a Moçambique, em 1975.

Todo este traçado histórico é oportuno por conta da ligação dos intelectuais moçambicanos com seu contexto histórico, social, cultural e religioso. Em Moçambique, a primeira literatura é a do colonizador, com todas as características, na temática e na forma, da pior que se produzia em Portugal. A medida em que aumenta a fixação dos portugueses em Moçambique, aparece uma literatura em que eles, os colonos, assumem os seus problemas específicos, criando a ilusão de uma interação cultural pacífica entre colonizadores e colonizados. Começam a surgir, de forma isolada, as primeiras vozes, ainda confusamente, que darão conta, através da literatura, dos conflitos e tensões, injustiças e momentos de revolta que, realmente, categorizam a relação colonial. Por outro lado, acompanhando o desenvolvimento do sentimento nacionalista, o escritor moçambicano afirma a terra ocupada como Pátria cuja a identidade é algo a construir.

Somos um país de ambigüidade, de interrogação, de construção identitária. Somos um país que fermenta na busca de um nós simbólico comum, virusidade, porém por um nós real-social imponentemente assimetrizado. (SERRA: 1998, p.11)

Assim, toda a luta anti-colonial passa a ter um forte reflexo na produção literária que nasce do discurso dos combatentes da FRELIMO, expressando o próprio cotidiano da luta em todas as suas frentes. A arte literária, nesse sentido, não é utilizada como aparência por diferença na realidade, pois as vozes africanas que ecoam nas narrativas transcritas da oralidade tomam a realidade como um objeto que legitima a sua literatura, o que Aristóteles chama de verossimilhança.

Noêmia de Sousa é muito pontual em relação a este perfil de escrita que traz um discurso marcado pela tradição oral.

“Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
nossa voz ardente como o sol das malangas
nossa voz atabaque chamando
nossa voz lança de Maguiguana
nossa voz, irmão,
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
e revolucionou-a
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.”
(SOUSA: 1988, p.33)

Este é um fragmento do poema *Nossa Voz*, encontrado na coletânea *Sangue Negro(1988)* desta escritora. Como afirmávamos anteriormente, o discurso é construído sobre bases que marcam a tradição oral, ou seja, uma escrita para um leitor que tem a sensibilidade de ouvir os ecos de um eu-poético que muito se assemelha aos contadores de estórias em volta da fogueira, encostados em uma grande árvore como o Imbondeiro. O próprio título do poema já nos dimensiona para o plano da oralidade. Vários verbos deste fragmento nos remetem à idéia de militância, de conscientização de valores em relação à condição do negro frente ao seu estado de escravidão: *Nossa voz consciente e bárbara ergueu-se/ sobre o branco egoísmo dos homens/ sobre a indiferença assassina de todos*. Estes três primeiros versos dizem muito da condição do escritor moçambicano frente ao seu trabalho de chamar a atenção de seus leitores, até porque este poema é assinado por mulher em 1949 que tem plena consciência de quem quer atingir. O branco é utilizado para colorir a atitude animalésca tanto do colonizador como dos negros que se rendem aos ideias colonialistas matando seu próprio povo, e, concomitantemente, toda a sua história, cultura, identidade, etc.

Há também muitas alegorias que compõem uma metáfora de ataque: *nossa voz ardente.../ nossa voz atabaque.../ nossa voz lança...* Pode-se dizer que a opção da autora por este tipo de linguagem é uma forma de driblar um meio social e colonialista. A autora se insere no mesmo contexto cultural de sua literatura, então reavivar as formas tradicionais apagadas pelo discurso do colonizador e esquecidas pelos homens colonizados é uma estratégia de manutenção de uma cultura autóctene e de tentativa de legitimar a identidade cultural em processo.

Noêmia de Sousa é a autora que escolhemos nesse estudo para entender a literatura africana feita em Moçambique. Poderíamos escolher outros intelectuais como Mia Couto, Paulina Chiziane e Lília Mompilé, e, com certeza, encontraríamos na escrita destes, linhas de semelhança no que diz respeito ao processo identitário, pois sejam de expressão portuguesa, inglesa ou francesa, ou intelectuais africanos se escrevem e se descobrem a partir da literatura que fazem. A literatura destes escritores é marcada pelo autorreflexo de suas sensibilidades.

No caso de Moçambique, a língua portuguesa é algo que ficou da colonização, um elemento que serviu de arma para o africano divulgar sua cultura, pois já foi dito que os negros africanos² foram resistentes em relação à imposição cultural de seus colonizadores.

Na antiga Lourenço Marques, há, ainda hoje, várias línguas indígenas de família banto correlacionadas com o português já adaptado ao meio moçambicano, o que se chama de língua crioula ou português crioulo. Em época de sua independência, ano de 1975, poucos habitantes falavam a língua portuguesa. Agora, a flor do Lácio é popular nos jardins da diversidade africana.

Moçambique é um país que nos permite entender um pouco das riquezas múltiplas da África, principalmente no que concerne ao entendimento das ações humanas em um cenário montado no palco da vida. Mitos, ritos, costumes, tradições, ancestralidade, deuses, homens e mulheres são elementos que migram do contexto cultural moçambicano como objetos mimetizados no espaço textual da literatura que é escrita neste país. Por isso, é inevitável ler esta literatura e não perceber a imagem do sofrimento, da luta, de fome, de miséria, de analfabetismo. Fatos que se tornam presentes ainda hoje no país por conta de sua situação econômica.

Noêmia de Sousa: uma militante em Moçambique

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa já ocupam um vasto território de leitura, tanto no Brasil quanto em Portugal e na própria África Lusófona. Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau são países onde vivem intelectuais preocupados com uma escrita literária que mantêm um fecundo diálogo com questões temáticas que se voltam para o colonialismo, pós-colonialismo, identidade cultural, exílio, e principalmente, a inscrição dos modos literários africanos de fazer literatura.

Os estudos das literaturas produzidas em África impõem-se como um verdadeiro canto de sirena que desperta as nossas ancestrais raízes, convocando-nos à comunhão com um mundo antigo que se apresenta, para nós, com uma epifania em que se celebra o encontro tantas vezes adiado, mas nem por isso menos desejado. (DUARTE: 2004, p.7)

A escrita literária africana de expressão portuguesa se coloca em uma situação *sui generis* pelo fato de nos fazer refletir sobre assuntos que se voltam para uma questão místico-cultural que migra do plano da realidade para o plano da ficcionalidade por conta de uma percepção ideológica pagã de se ver o mundo africano. Uma prática de escrita que revela um re-escritura do que foi aprendido por meio da prática da oralidade. A presença dos mitos e ritos, como temáticas recorrentes nas narrativas africanas, legitimam as lições deixadas pelos povos mais velhos que voltam ao contexto atual, assumindo a condição de ancestrais ou de defuntos protetores. Vamos observar melhor a

² Falar de negritude em África não é a mesma coisa que falar de negritude no Brasil. A concepção cultural do termo é discrepante

relação com a ancestralidade quando analisarmos o poema *Mulher que ri à vida e à morte*.

Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares nasceu a 20 de Setembro de 1926, em Lourenço Marques (hoje Maputo), Moçambique. Apesar da publicação da coletânea *Sangue Negro* em 1998 pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), seus versos circulam em vários meios: jornais, revistas especializadas e sites da internet. Poetisa que, numa espécie de postura predestinada, desembaraçando-se das normas tradicionais européias, de 1949 a 1952, escreve dezenas de poemas, estando muitos deles dispersos pela imprensa moçambicana e estrangeira. Com apenas 22 anos de idade, surgiu na senda literária moçambicana num impulso encantador, gritando o seu verbo impetuoso, objetivo e generoso, vincado (bem fundo) na alma do seu povo, da sua cultura, da sua consciência social, revelando um talento invulgar e uma coragem impressionante. Como afirma Craveirinha (2000, p.100), podemos sentir o hálito ardente da fogueira, quando lemos os versos desta escritora, o que mostra em sua literatura a evidência da moçambicanidade, ou seja, a valorização da sua nação em seus poemas. Ler Noémia de Sousa é ler Moçambique.

Como mestiça, pois seu pai era originário de uma família luso-afro-goesa e sua mãe afro-germânica, revela ser marcada por uma profunda experiência, em grande parte por via dessa mesma circunstância de ser mestiça. A sua poesia, desde logo, se mostrou "cheia" da "certeza radiosa" de uma esperança, a esperança dos humilhados, que é sempre a da sua libertação. Toda a sua produção é marcada pela presença constante das raízes profundamente africanas, abrindo os caminhos da exaltação da Mãe-África, da glorificação dos valores africanos, do protesto e da denúncia.

Eu quero conhecer-te melhor,
Minha África profunda e imortal...
Quero descobrir-te para além
Do mero estafado azul
Do teu céu transparente e tropical,
para além dos lugares comuns...
(SOUSA, 1988 , p.145)

Poesia de forte impacto social, acusatória, a sua linguagem recorre estilisticamente à ressonância verbal, ao encadeamento de significantes sonoros ásperos, à utilização de palavras que transportam o "grito inchado" de esperança. Noémia de Sousa, como autêntica pioneira da Literatura Moçambicana (como assim sempre foi considerada) preconiza - no seu percurso literário - a revolução como único meio de modificar as estruturas sociais que assolam a terra moçambicana.

Sempre, e desde muito cedo, pretendeu que o seu povo avançasse uno, em coletivo, em direção a um futuro que alterasse os eixos em que se fundamentava a atitude do homem, mas sem nunca fazer a apologia da desumanização. Afirma-se, acima de tudo, africana e aposta fortemente na divulgação dos valores culturais moçambicanos.

Billie Halliday, minha irmã americana,
Continua cantando sempre, no teu jeito magoado
Os "blues" eternos do nosso povo desgraçado...
Continua cantando, cantando, sempre cantando
Até que a humanidade egoísta ouça em ti a nossa voz...
(SOUSA, 1988, p.135)

As propostas essenciais da sua expressão literária vão do desencanto cotidiano, de uma certa amargura, de uma certa raiva, até ao grito dolorido, até ao orgulho racial, até ao protesto altivo que contém a pulsão danada contra cinco séculos de humilhação. A grande base do texto de Noémia de Sousa está centrada na eterna dicotomia "nós/outros" - "nós", os perfeitamente africanos; os "outros", as gentes estranhas, os que chegaram em África, os colonizadores. Assim, estes são, sem dúvida, os dois grandes temas da poesia de Noémia de Sousa: se por um lado temos a contínua denúncia da total incompreensão por parte do colonizador, que apenas capta a superficialidade dos rituais, não compreendendo o âmago de África, demonstrando, desta forma, uma visão plenamente distorcida, por outro lado lança-nos em poemas de elogio aberto à raça negra, gritando bem alto e de forma plenamente perceptível que a presença do colonizador em África é sinónimo de força que apenas veio denegrir a imagem daquela terra. Noémia de Sousa fala do orgulho de pertencer à África por parte dos africanos. E por esse mesmo motivo vem afirmar que terão obrigatoriamente de ser os filhos a cantar essa sua mãe-terra (que tanto amam e sentem) - e cantar África tinha forçosamente que ser entendido por oposição à maneira de cantar do colonizador.

Nos seus poemas, o "eu" de Noémia de Sousa é entendido como um "coletivo", um povo inteiro que quer ter palavra - o povo moçambicano. Desta forma, a escritora assume-se como porta-voz daquele povo que é o seu e, dirigindo-se à terra-mãe que os acolhe e protege, ora canta a sua vida, ora lhe pede perdão pela alienação demonstrada ao longo de tanto tempo, ora (mesmo) lhe promete a rápida e definitiva devolução do seu direito a uma vida própria, autêntica. Apesar de breve, porém prolífera, a passagem de Noémia de Sousa pelo panorama da literatura moçambicana, a qualidade dos seus textos não deixou, jamais, de ser reconhecida e admirada. Percebemos que os autores africanos de colonização portuguesa escrevem como se estivessem diante de seus receptores pelo fato de também o serem, quando se permitem ouvir a voz dos seus ancestrais. A arte literária não é utilizada como aparência por diferença com a realidade, e sim, como transparência por semelhança com a realidade, pois as vozes africanas que ecoam nas narrativas transcritas da oralidade tomam a realidade como instrumento para a construção de uma verdade aparente.

O imaginário do autor aparece em sua literatura como se o eu-poético não fosse um elemento fictício, pois a voz que se enuncia na tessitura dos versos da escritora moçambicana desmistifica a figura do mesmo, transformando-o em um contador de experiências vividas no ventre de sua da terra africana.

A voz feminina em Moçambique possui um status de grande relevância. De acordo com Lilia Momplé (1999, p.31), também escritora moçambicana e autora do livro de contos *Os olhos da cobra verde*, falar da mulher escritora e de sua relação com o cânone não é fácil, pois é inadequado eximi-la da condição de mulher moçambicana, por ser mística, sedutora e guerreira. Ainda segundo Momplé (1999, p.31),

a mulher moçambicana é a principal difusora e transmissora de valores culturais, tradições e ritos como, por exemplo, o espírito da solidariedade e entreatjada, a hospitalidade, a veneração pelos mais velhos, os ritos de nascimento, iniciação, reconciliação e morte.

Difusão que era passada das mais velhas para as mais novas por via da oratura, fazendo com que a tradição permanecesse desde a época colonial até os dias atuais. Com a Independência de Moçambique, a mulher continua a exercer um papel importante no domínio da cultura. A partir de então, ainda conforme Momplé (1999,

p.31), grupos culturais foram formados pelas mesmas e, nos grandes festivais nacionais de música, canto e dança tradicionais da década de setenta, a participação feminina era ímpar.

Após a década de setenta, a guerra civil aterroriza o solo moçambicano por dezessete anos, destruindo o corpo físico e cultural do país. Nessa guerra, houve um milhão de mortos e cinco milhões de deslocados e refugiados; entre eles a escritora Noêmia de Sousa, grande poetisa moçambicana e precursora da autoria feminina. Na zona urbana, área mais reservada do embate direto da guerra, houve uma explosão de mulheres artistas. Para representar a literatura, entre Lina Magaia, Clotilde Silva e Lília Momplé, estava Paulina Chiziane, primeira escritora moçambicana a escrever um romance: *Balada de Amor ao Vento*, rebento de 1990.

Podemos então, de forma provisória, afirmar que, no plano da literatura de Moçambique, Noêmia de Sousa ocupa um lugar privilegiado, pois, embora a obra literária da escritora seja curta, possui grande valia para uma leitura crítica. O discurso da autora já anuncia uma tendência politizada, o que nos permite afirmar a escritora como uma feminista, pois uma das grandes preocupações da mesma é refletir sobre o lugar de onde fala a mulher na sociedade patriarcal e como esta mulher reflete sobre os valores da tradição do norte e do sul de seu país.

Os sinais da moçambicanidade nos versos de Noêmia de Sousa

Noêmia de Sousa é lida em seu país e fora dele por conta de sua postura séria e militante frente aos seus ideais liberais que dizem respeito aos movimentos políticos de seu país em prol da independência, tanto do corpo geográfico quanto do físico e espiritual desta nação que começa a germinar. Levantar a bandeira da nacionalidade é um país bombardeado e massacrado pela ganância portuguesa não é fácil, pois é preciso entender não só a língua que o povo fala, mas também o ritmo que move o sentimento de esperança dos moçambicanos.

Defendendo a idéia da interioridade da poesia de Noêmia, Francisco Noa (1988, p.153) confirma os recursos estilísticos presentes na coletânea de versos da escritora: a prevalência da adjetivação, da anáfora, da aliteração, da parataxe, da exclamação, da enumeração, da hipérbole, entre outros recursos. No que se refere à temática, há uma recorrência à revolta, à valorização racial e cultural, à infância, à esperança, à angústia e à injustiça.

Também não se pode esquecer o forte lado religioso dos moçambicanos e sua reverência aos ensinamentos da tradição dos ancestrais, pois nos cenários primitivos, o homem sempre foi o ator que atuou no palco da natureza para viver dramas contracenados com animais, plantas, vento, água, fogo e todos os elementos que formam a riqueza do Universo. Como afirma Beniste (2006, p.15), —o mundo dos mitos é pleno destas forças e ações, mesmo sendo elas conflitantes!. Consideramos os conflitos como o tempero da movência das ações que levam o homem a se humanizar através dos tempos. Os artistas que transformam estas ações em arte literária, de certa forma, assinam um acordo com Aristóteles no que diz respeito ao quesito verossimilhaça.

A condição da mulher em Moçambique também é algo que merece a nossa atenção. Em entrevista à Manuela de Sousa (2006)³, Paulina Chiziane, escritora contemporânea em Moçambique, é argüida sobre a questão da repressão das mulheres e um fato interessante é observado na resposta da escritora.

³ Disponível em < www.ccpm.pt/paulina.htm >. Acesso em 11 de outubro de 2006.

...não podemos olhar o país como um todo nesta matéria. Temos as regiões do sul e do centro, que são regiões patriarcais por excelência. O norte já tem características bem diferentes. É uma região matriarcal, onde as mulheres têm outras liberdades. Acho que Gaza, província de onde sou oriunda, e região mais machista de Moçambique. Uma mulher além de cozinhar e lavar, para servir uma refeição ao marido tem que fazer de joelhos. Quando o marido a chama, ela não pode responder de pé. Tem que largar tudo que está a fazer, chegar diante do marido e dizer —estou aqui. Há pouco tempo um jornalista denunciou um professor de Gaza. Nas aulas, quando fazia perguntas, os rapazes respondiam de pé, mas obrigava as meninas a responderem de joelhos. Quando as alunas iam ao quadro, tinham que caminhar de joelhos e só quando lá chegavam é que se punham de pé. O professor foi criticado e prometeu mudar, mas para a comunidade, ele estava a agir corretamente.

O mapeamento que Paulina Chiziane faz de Moçambique de acordo com os sistemas sociais vigentes no norte, centro e sul do país, faz-nos entender que como Noémia de Sousa foi privilegiada pelo fato de nascer na capital de Moçambique, pois ao mesmo tempo que ela mostra os tabus de uma tradição na qual as mulheres são menos privilegiadas, também critica a público feminino que ainda alimenta o sistema patriarcal, levando-as a entender que mesmo a sociedade punindo-as por conta de suas lutas por mudança, elas são seres humanos que trazem seqüelas de uma longa história de sofrimento, e nem por isso, estas mulheres deixam de cumprir certos rituais de uma tradição que se ensinava em suas tribos, principalmente no que diz respeito ao aspecto religioso.

Cerca de 50% da população⁴ seguem crenças tradicionais, 31% são católicos e 13% são muçulmanos. As populações tribais mantêm sua tradição animista, mas há também inúmeros adeptos do islamismo, talvez a primeira religião exógena a penetrar o território. Entre os cristãos, a maioria é formada por católicos, seguidos por anglicanos e metodistas. (RAMALHO: 2006, p. 3)

A questão da crença é algo bem explorado na literatura africana de expressão portuguesa. Os dados fornecidos por Christina Ramalho no fragmento acima, deixa claro que metade da população moçambicana segue as crenças tradicionais que trazem deuses africanos como heróis de um plano divino que ajudam os mortais a se livrar dos conflitos vividos em sua existência terrena.

Mulher que ri à vida e à morte

Para lá daquela *curva*
os espíritos ancestrais me esperam.
Breve, muito breve
tomarei *o meu lugar entre os antepassados*

Á terra deixarei os despojos do *meu corpo inútil*
as unhas córneas de todos os labores
este invólucro sulcado pela aranha dos dias

⁴ Estes dados se referem à população moçambicana atual.

Enquanto não falo com a voz do *nyanga*
cada aurora é uma vitória
saúdo-a com o riso irreverente do meu secreto triunfo

Oyo, oyo, vida!
Para lá daquela curva
Os espíritos ancestrais me esperam .
(SOUSA: 1988, p.149) (Grifos nossos)

Não se pode deixar de mencionar a importância que Noêmia de Sousa dá para a cultura moçambicana, por vários aspectos. Sempre rodeada de intelectuais do sexo oposto como Ruy Guerra, Ricardo Rangel, João Mendes, Craveirinha, entre outros, Noêmia sempre soube o lugar de onde e para quem falava: para aqueles que queriam começar a pensar a idéia de nação em Moçambique, na tentativa de negar os valores impostos pelos portugueses por viés anti-colonialista.

Noêmia de Sousa é caso único de explosão identitária, a sua voz surpreende justamente por esta razão. A sua poesia é logo invadida por vozes, ela é a voz dos que não a têm, ela incarna as personagens submersas no quotidiano que lhes recusa a existência, para não falar de identidade. (SERRA: 1998, p. 90)

O livro *Sangue Negro* traz uma coletânea de poemas que enfatizam a idéia de que os negros africanos estão conscientes de seus valores e precisam enfatiza-los através de vários meios. A literatura, nesse sentido, se torna a melhor estratégia.

O poema *Mulher que ria à vida e à morte* traz esta preocupação de Noêmia em explorar através da literatura algo que seja tipicamente comum ao universo moçambicano. O título do poema é bem sugestivo: a mulher ri tanto da vida como da morte, não é mais aquela mulher que tem que se mascarar ou se envergonhar por não ser branca, mas que sabe se impor, não teme nem a vida, nem a morte. A primeira estrofe traz a imagem da curva, que remete a idéia de retorno, um retorno a si mesmo, já que os ancestrais esperam, como também fortalece a idéia de que os ancestrais são invisíveis. A primeira pessoa está marcada em todas as estrofes: *me, tomarei meu lugar, deixarei o despojo de meu corpo inútil, não falo com a voz do nyanga, saúdo*; e dá um caráter intimista ao poema.

A inutilidade do corpo é algo que merece nossa atenção. A idéia de que a terra tudo absorve, quem do barro é feito para o barro volta, reforça tanto ideologias bíblicas, como mitologias africanas. A presença dos ancestrais também marca o paganismo de algumas comunidades de linhagem bantu. Essa linhagem também é evidenciada pelo *nyanga*, uma espécie de sacerdote ou curandeiro que possui o dom de medicar com ervas e se comunicar com os ancestrais e outras divindades. O fato de o eu-poético não ouvir a voz do *nyanga* quer dizer que o mesmo sempre estará vivo na poesia, pois só os mortos se comunicam com tal sacerdote. Na quinta estrofe, aparece o termo *Oyo*, que é o reino do deus africano da criação: *Oranyan*. A idéia da curva é reforçada como ênfase na idéia de que é preciso muito mais do que um retorno a si mesmo.

Se me quiseres conhecer

Para Antero

Se me quiseres conhecer
estuda com os olhos bem de ver esse pedaço de pau preto

que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte:

Ah, essa sou eu:
Órbitas vazias no desespero de possuir vida,
Boca rasgada em feridas de angústia,
Mãos enormes, espalmadas,
Erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
Corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
Pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica
Altiva e mística,
África da cabeça aos pés,
_ ah, essa sou eu:

Se quiseres compreender-me
Vem debruçar-te sobre minha alma de África,
Nos gemidos dos negros no cais
Nos batuques frenéticos dos muchopes
Na rebeldia dos machanganas
Na estranha melancolia se evolvendo
Duma canção nativa, noite dentro...
E nada mais me perguntes,
Se é que me queres conhecer...
Que não sou mais um búzio de carne,
Onde a revolta de África congelou
Seu grito inchado de esperança.
(SOUSA: 1998, p.49-50)

Um dado que não mostramos neste estudo, quando fazemos as citações dos poemas da Noêmia é a data em que eles foram escritos. No caso do poema acima, é relevante dizer que foi escrito no dia 25/12/1949: data que celebra o nascimento de Jesus Cristo, personagem bíblico que personifica a idéia de humanidade. Voltando ao poema, percebemos logo a partir do título que o eu-poético utiliza o verbo na segunda pessoa para dirigir explicitamente ao seu leitor. Em se tratando de uma escritora militante como Noêmia, sabemos que o alvo são os colonizadores. Na primeira estrofe, o eu-poético usa a metáfora do pau preto, que pode ser uma referência ao ébano, madeira africana, para subjetivar a idéia da criação de um povo. O maconde aparece para mimetizar a perfeição da arte, pois segundo alguns dicionaristas a arte destes artesãos é reconhecida internacionalmente. Na segunda estrofe, o eu-poética aparece em primeira pessoa e se relaciona com vários adjetivos, o que marca um bom exemplo da adjetivação (*sou - órbitas vazias...*, *sou - boca rasgada...*, *sou - mãos enormes...*, *sou - corpo tatuado...*, *sou- África da cabeça aos pés*). Também nesta estrofe, percebemos as seqüelas deixadas pela impiedosa escravatura (*feridas visíveis e invisíveis da escravatura*), o que comprova que o eu-poético se dirige aos colonizadores. A quarta estrofe tem uma implicatura de desabafo, de insatisfação (*E nada mais me perguntes, / se é que queres me conhecer...*) em relação ao descaso dos invasores e destruidores de almas, sonhos, objetivos e realizações do povo moçambicano.

Poema

Bates-me e ameaças-me,
Agora que levantei minha cabeça esclarecida
E gritei: “Basta!”

Armas-me grades e queres crucificar-me
Agora que rasguei a venda cor-de-rosa
E gritei: “Basta!”

Condenas-me à escuridão eterna
Agora que minha alma de África se iluminou
E descobriu o ludíbrico..
E gritei, mil vezes gritei: —Basta!!

Ô carrasco de olhos tortos,
De dentes afiados de antropófago
E brutas mãos de orango:
Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,
Fecha-me em tuas grades e crucifixa-me,
Traz teus instrumentos de tortura
E amputa-me os membros, um a um...
Esvazia-me os olhos e condena-me à escuridão eterna...
- que eu, mais do que nunca, Dos limos da alma,
Me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:
Basta! Basta! Basta!

Carmen é uma palavra latina que se significa poema, canto, hino, louvação, expressão de sentimento. Poema nada mais é do que uma forma textual de expressão subjetiva de sentimentos individuais. Só que quando se trata de Noêmia de Sousa, o individual sempre é coletivo. A metáfora do grito é uma constante em todo este poema. O grau de conscientização em relação à liberdade é muito alto, não há mais medo, não há mais lágrimas para chorar pelo leite derramado. Agora é hora de dar um basta à toda submissão anterior em relação sistema colonial. É preciso purificar a alma, olhar para dentro de si e buscar no fundo da alma o que escurecido pelo dor, pela angústia, pela melancolia. O eu-poético, neste poema, é muito mais escancarado em relação à sua opinião frente aos colonizadores, que aparece caricaturado como um carrasco de olhos tortos, de dentes afiados de antropófago e brutas mãos de orango. O eu-poético se identifica com Noêmia, pois assume uma adjetivação feminina (... *me erguerei lúcida*...) que muito lembra o pássaro Fênix que ressurge das cinzas. Bela metáfora para uma identidade que está começando a se formar.

Como podemos observar, o canto de Noêmia de Sousa é simples, porém pontual em relação aos seus objetivos políticos. Seu canto é um brado para a conscientização em várias instâncias: raça, classe e gênero. O retorno a si mesmo, o eu-poético auto-reflexivo é uma estratégia que a poeta utiliza para que os seus leitores percebam as especificidades dos moçambicanos através dos seus versos.

Últimas considerações

Ler a poesia de Noêmia de Sousa é descobrir um pouco também da nossa cultura, dos nossos costumes, da nossa crença, da nossa sociedade, etc. É perceber como

se constrói a idéia de identidade através da literatura. Fato tão familiar a nós, brasileiros, que presenciamos o esforço dos intelectuais de nossa literatura para tornar a literatura e a cultura brasileiras reconhecidas pelo seu próprio povo e fora de sua nação.

Noêmia de Sousa é uma precursora na escrita literária em Moçambique. Respeitada até por vários intelectuais contemporâneos que, com certeza, foram leitores de sua obra e aprenderam a lição de valorizar as particularidades de seu país e fazer isso migrar para a escrita literária. Escritores como Mia Couto, Lília Momplé, Paulina Chiziane, Ungulani Ba Ka Khosa, entre outros fazem os textos de Noêmia de Sousa circular em vários eventos na área de Humanidades, até porque ela é chamada de mãe por muito desses escritores e também intelectuais e ativistas políticos de Moçambique. Além disso, a escritora é extremamente estudada na UEM (Universidade Eduardo de Mondlane). Noêmia morreu em Cascais, Portugal, em 2002 aos setenta e quatro anos de idade.

Escrever sobre alguns versos de Noêmia de Sousa foi uma atividade muito difícil tamanha a excentricidade de seus escritos. No entanto, podemos afirmar sem medo que muitos estudos ainda podem ser feitos *sobre Sangue Negro*. Ainda há muitos aspectos ainda para serem explorados nos textos de Noêmia de Sousa.

É por bem enfatizar que a escrita de Noêmia presentifica a mulher como ser ativo e militante em relação às causas políticas de seu país, assim prova que o ente feminino tem poder de despertar em sua nação espíritos como os da consciência da coletividade e do patriotismo. Através de seus poemas, em sua opção por uma escrita aquecida pela lembrança das contações de estórias em volta da fogueira, ficam registrados as memórias da infância, o desejo de liberdade e certeza da esperança de um mundo que respeita as diferenças de raça, classe e gênero.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELES. Arte Poética. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 2002.
- _____. *A estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- _____. *Questões de literatura e estética*. A teoria do romance. São Paulo, Hucitec, 2002.
- _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rebelais. São Paulo, Hucitec, 2002.
- BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo, Brasiliense, s/d.
- _____. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo, Brasiliense, 1998.
- _____. *Literatura e identidade Nacional*. Porto Alegre, Ed. UFRGS; 2003.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed UFMG, 2003.
- _____. *Nation and Narration*. Londres, Routledge, 1990.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras; 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1986.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo, TA Queiroz; 2000.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários*. São Paulo, Ateliê, 2006.
- CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (orgs). *Literatura em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo, Arte e Ciência, 2003.
- _____. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo, Alameda, 2006.

- CRAVEIRINHA, José. Noêmia de Sousa. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Textos de Apoio (1947-1963). Coimbra: Ângelus Novus, 2000.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- _____. *Ideologia*. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.
- GUERREIRO, Manuela Sousa. Paulina Chiziane: a escrita no feminino. Disponível em <www.ccpm.pt/paulina.htm>. Acesso em 11 de Outubro de 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Dp&A editora, 2005.
- _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2002. 2v
- _____. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. São Paulo, Graal, 2003.
- _____. *Vida e Mimesis*. Rio de Janeiro, ED.34, 1995.
- LOPES, Armando José; SITO, Salvador Júlio; NHAMUENDE, Paulino José (orgs). *Moçambicanismos: para um léxico dos usos do português moçambicano*. Maputo, Ed. Universitária, 2002.
- LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- MENDONÇA, Fátima. Moçambique, Lugar para a poesia. In: SOUSA, Noemia de. *Sangue Negro*. Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988.
- MOMPLÈ, Lilia. In: *A mulher escritora em África e na América Latina*. (org. Ana Maria Mão de ferro). Évora: Editorial Num, 1999.
- NOA, Francisco. Noemia de Sousa: a metafísica do grito. In: SOUSA, Noemia de. *Sangue Negro*. Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988.
- PELLISSIER, René. *História de Moçambique*. Lisboa, Estampa, 1987. 2v.
- RAMALHO, Christina. *Baladas de amor ao vento: representações do universo familiar moçambicano*. Disponível em <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/ramal.rtf> Acesso em 11 de outubro de 2006.
- SERRA, Carlos (org). *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*. Maputo, Ed. Universitária, 1998.
- SAUTE, Nelson. Noemia de Sousa: a mãe dos escritores moçambicanos. In: SOUSA, Noemia de. *Sangue Negro*. Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988.
- SOUSA, Noêmia de. *Sangue Negro*. Moçambique: Associação de Escritores Moçambicanos, 1988.